



Posse & Recepção

José Neres e Ceres Costa Fernandes

José Neres
Ceres Costa Fernandes

RECEPÇÃO

& POSSE

São Luís
2019

Recepção & Posse

Discursos proferidos na Academia Maranhense de Letras
na noite de 19 de março de 2015

Cadeira 36

Patrono: Tasso Fragoso

Fundador: Barcelar Portela

Ocupante anterior: Ubiratan Teixeira

Novo ocupante: José Neres (eleito em 30.10.2014)

Recebido por: Ceres Costa Fernandes

Digitação de revisão: José Neres e Ceres Costa Fernandes

Capa, projeto gráfico e diagramação: José Neres

Fotos: Basiliano Sousa e Linda Barros

Esta obra pode ser reproduzida e compartilhada em qualquer meio,
físico ou digital, desde que resguardadas as fontes e indicadas as
autorias de cada texto.



SUMÁRIO

Discurso de Posse	9
(José Neres)	
Discurso de Recepção	39
(Ceres Costa Fernandes)	
Galeria de fotos	59

DISCURSO DE POSSE



JOSE NERES

Senhor Benedito Buzar, presidente da Academia Maranhense de Letras;

Senhores e senhoras acadêmicos e acadêmicas;

Senhores convidados, senhoras convidadas;

Demais autoridades, colegas, amigos e amigas,

O grande teatrólogo e pensador espanhol Pedro Calderón de la Barca, em uma de suas mais felizes frases disse que “*La vida es sueño y los sueños sueños sueños son*”. Não há dúvida de que vida e sonhos estão intimamente interligados. Os sonhos alimentam a vida, dando às pessoas uma razão a mais para prosseguir nos íngremes e tortuosos caminhos que são percorridos dia após dia. Ao mesmo tempo, a vida também impulsiona os sonhos, trazendo para estes um pouco desse tempero cotidiano sem o qual o ato de dormir seria algo tão somente biológico e, talvez, desprovido dessa magia que nos ajuda a despertar no dia seguinte com a certeza – ou pelo menos com a esperança – de que o novo dia será bem melhor do que o anterior.

Como às vezes nossos sonhos e nossa vida parecem estar em rota de desencontro, temos a sensação de que a vida simplesmente vivida não nos basta e que a vida “*só é possível reinventada*”, como nos ensinou a grande escritora Cecília Meireles. E como reinventar essa vida? É como viver além dos reflexos impostos pela natureza? É nesse espaço tão tênue e para muitos imperceptível que entram os sonhos, as artes, a vida reinventada, a ficção, a poesia, enfim, a Literatura.

Meus caros amigos aqui reunidos nesta noite de festa, de recordações, de alegrias e de reflexões, desde que realizei o sonho de ser eleito para esta ilustre Casa, no dia

30 de outubro de 2014, muitas pessoas me cumprimentam pelas ruas chamando-me antecipada e erroneamente de imortal. Imortal... Essa palavra soa estranha e até certo modo de forma irônica para quem com alguns meses de nascido, ainda sem nem mesmo ter consciência do que seria vida, arte ou sonho, ouvia a notícia de que seguramente as próximas horas seriam as últimas para aquele ser pequenino que mal chegava ao mundo e já recebia uma vela e muitas orações. Contrariando a lógica que corria de boca em boca, aquela criança pálida, magra e quase sem força conseguiu a sua primeira grande vitória: sobreviveu!

Mas um mergulho alguns meses antes desse episódio acima narrado mostra que aquele garoto parecia fadado a contrariar o senso da lógica e a nadar contra as correntezas das muitas adversidades. O menino é fruto do enlace nunca oficializado entre um pescador que durante o dia jogava a rede ao mar e dali tirava o alimento com o qual nutria o corpo alimentava os sonhos daquela família que dele dependia, e que durante diversas noites alugou seu sono na condição de guarda noturno, ficando acordado para que muitas pessoas pudessem repousar tranquilamente e sonhar, e de uma professora leiga que mal havia completado a educação básica, mas que se desdobrava para dar o mínimo de educação a seus filhos e aos filhos daqueles que a ela confiavam o ensino e a aprendizagem das primeiras, e possivelmente únicas, letras àqueles meninos e àquelas meninas que se nutriam de pão, peixe, carinho, esperanças e de sonho

Estar aqui hoje, senhores e senhoras, ingressando na Casa de Antônio Lobo, na mais alta esfera da intelectualidade de meu Estado, parece também ser um ato de transgressão daquele garoto que pouco aproveitou dos carinhos dos pais

biológicos e que cedo encontrou em outro lar o recanto adequado para nutrir o corpo e o espírito e, principalmente, para despertar naquele menino o gosto pela leitura e pela palavra escrita.

O novo lar era formado por uma tia, exemplar dona de casa, e um padrinho que ganhava a vida colorindo o mundo na profissão de pintor de paredes e que nas raras horas vagas era também compositor e apreciador da boa música, além de voraz leitor de romances policiais. Foi nesse mundo colorido que o garoto continuou sua sina de desafiar o próprio destino. Os olhos míopes demoraram muito a perceberem as verdadeiras formas por detrás dos vultos. Na escola, a letra dos professores era reproduzida pelo movimento das mãos dos mestres no quadro de giz. Os ouvidos atentos e as mãos ágeis eram as duas maneiras mais eficazes de acompanhar os conteúdos ministrados nas aulas. A memória era o substituto ideal para o pouco alcance dos olhos. E diversos momentos de sua vida, aquele menino teve que buscar forças e esperanças no mundo dos sonhos, pois o mundo real, se não lhe fechava a cara, também pouco lhe sorria.

Mas esses poucos sorrisos e as poucas oportunidades foram transformados em vitórias pelo garoto. Vieram os estudos básicos, os secundários, o curso superior, os cursos de pós-graduação lato e stricto sensu. As páginas lidas foram aos poucos se transformando em palavras escritas. A imaginação, as observações e as discussões acadêmicas ganharam forma de artigos, resenhas, livros, estudos acadêmicos e científicos, cursos ministrados, palestras proferidas, participações em bancas, mesas-redondas, eventos de todos os níveis. Aos poucos, graças a seus textos e a sua obstinação pelas palavras escritas, o garoto tímido

deixou o anonimato, pelo menos em uma parte de sua província, e tentou transformar seus sonhos outrora quase impossíveis e delirantes, verdadeiras quimeras do absurdo, em voos.

Lembrando o poeta Luiz Guimaraes Júnior, posso inclusive dizer que

*Meu sonho é como a canoa
que voa, voa, voa, voa e voa
nas águas do ribeirão.*

Para tudo voltar para o mar, ser o mar de Maranhão, seja o mar de São José de Ribamar, cidade onde nasci, mas onde infelizmente não me criei.

E um desses sonhos inacreditáveis é este que hoje sai da abstração e entra na biografia do menino que se tornou adulto, constituiu família, teve filhos, lutou, sofreu, ganhou e perdeu, mas nunca desistiu. Entrar para o quadro de membros da Casa de Antônio Lobo é um sonho acalentado por muitos, mas concretizado por poucos. Então vivam os sonhos. Vivamos os sonhos. Façamos de cada um deles um degrau na longa escada que é nossa própria vida.

Hoje, esta noite de festa e de alegria é também de saudades e de pesar, pois para que eu ingressasse nesta Casa, um amigo, infelizmente, teve que cessar sua atuação e deixar uma vacância que jamais poderá ser preenchida. As pessoas são insubstituíveis e, conforme lembrou em sua crônica de estreia no jornal *O Estado do Maranhão*, o nobre amigo, colega de longas conversas e doravante também confrade Sebastião Moreira Duarte, pode haver sucessão de pessoas, mas nunca a substituição.

Dessa forma, o teatrólogo, contista, jornalista e romancista Ubiratan Teixeira, meu antecessor nesta cadeira 36, jamais será substituído e a cerimônia de hoje não é

um ato de substituição de uma pessoa por outra, mas tão somente um momento de sucessão, uma cerimônia solene na qual o passado e o presente se encontram, e, por alguns momentos, andam de mãos dadas rumo a um futuro incerto. Em momentos como este, os patronos e antigos ocupantes das cadeiras desta Casa se reencontram em discursos, palmas e alegrias, deixam o incômodo vazio do silêncio e voltam a reinar em uma Casa que foi e que sempre será de cada um deles.

É com muito orgulho, então, que assumo agora a responsabilidade de trazer novamente à luz das recordações os nomes, os feitos, as obras e um pouco da vida dos ilustres nomes que dignificaram esta cadeira que de hoje até o último segundo da minha vida ocuparei.

TASSO FRAGOSO

Começemos falando do homem que foi escolhido como patrono desta trigésima sexta Cadeira da Casa de Antônio Lobo, o general, historiador e escritor Augusto Tasso Fragoso, augusto no nome e augusto também nas ações que marcaram sua vida. Falemos um pouco sobre nosso patrono.

Filho enlace do português Joaquim Coelho Fragoso com a brasileira Maria Custódia de Sousa Fragoso, Augusto Tasso Fragoso veio ao mundo em São Luís do Maranhão no dia 28 de agosto de 1869. Possivelmente motivado pelo pai, que era um homem voltado não apenas para o comércio, mas também para os aspectos culturais, o futuro general, desde a juventude se viu inclinado tanto à vida militar quanto às letras, principalmente à historiografia.

Em sua terra natal, o jovem Tasso Fragoso foi alfabetizado e começou a penetrar no mundo das palavras escritas e também nos traumas dos castigos físicos, sendo raramente elogiado por seus muitos acertos durante as chamadas arguições e severamente punido nas raras vezes em que a resposta desejada pelo seu sempre lembrado professor Pires não acudia à memória. As quase sempre injustas palmatoradas recebidas durante seus primeiros estudos não fizeram dele um homem rancoroso ou desejoso de vingança. Ao contrário, fez com que aquele rapaz desenvolvesse forte senso de justiça e o enorme desejo de defender os mais fracos, sentimentos que iriam acompanhá-lo durante toda a vida.

Após uma década e meia vivendo em sua cidade de nascimento, era hora de expandir seus horizontes. Ingressou nas forças armadas e entre 1885 e 1889 estudou na Escola Militar, instituição na qual se graduou em Artilharia. Logo depois ingressou na Escola Superior de Guerra, onde se bacharelou em Matemática, Ciências Físicas e Engenharia Militar. Nessa época também, além de travar amizade com Euclides da Cunha e Cândido Rondon, entrou em contato com as ideias de Benjamim Constant, de quem se tornou discípulo e a quem se referia como o maior mestre de todos os tempos, segundo informação de Francisco de Paula e Azevedo Pondé, que fez belíssima homenagem ao General durante as comemorações de seu centenário de nascimento.

As atuações políticas e militares de Tasso Fragoso foram de vital importância para a História do Brasil. Em variados momentos, ele apareceu de forma decisiva quando o povo precisava de sua intervenção, de sua força e de sua coragem de enfrentar situações quase sempre adversas. Antes mesmo de ser graduado como oficial, ele já participava com sucesso

de uma missão militar que culminou com a Proclamação da República em 1889. Seu nome começa então a ganhar projeção nacional, levando-o a ser indicado pelo Maranhão para compor o quadro dos deputados responsáveis pela elaboração da Constituição de 1890. Ele não aceitou tal incumbência, assim como também recusou, logo depois, ser intendente (cargo equivalente hoje a prefeito) do então Distrito Federal.

Cinco anos após a Proclamação da República, durante a Revolta da Armada, que tentava anular os poderes políticos de Floriano Peixoto, Tasso Fragoso foi gravemente ferido, mas mesmo sem estar totalmente recuperado, voltou a se reapresentar ao quartel para continuar cumprindo suas obrigações para com a Pátria. Embora tenha recebido diversas indicações para exercer cargos executivos e administrativos no Governo, Tasso Fragoso quase sempre decidia por declinar os convites quando considerava que não poderia contribuir tanto quanto queria com a administração pública. Após muita insistência, acabou assumindo alguns cargos públicos, como, por exemplo, intendente do Departamento de Obra e Viação Geral, chefe da Casa Militar no governo de Venceslau Brás, chefe do Estado-Maior do Exército brasileiro e ministro do Supremo Tribunal Militar.

Contudo, o momento mais lembrado da longa trajetória militar do patrono da cadeira 36 da Academia Maranhense de Letras foi quando, em 1930, integrou, juntamente com outros militares, a junta governativa militar provisória que depôs o então presidente da República Washington Luís e impediu que o candidato eleito, Júlio Prestes, assumisse a presidência. No meio desse tumultuado momento histórico, Augusto Tasso Fragoso chegou a assumir o cargo de presidente do Brasil no curto período compreendido entre

24 de outubro e 03 de novembro daquele histórico ano de 1930, entregando depois o cargo a Getúlio Vargas.

Esse episódio é descrito pelo respeitado historiador Pedro Calmon, no sexto volume de sua famosa obra *História do Brasil*, com as seguintes palavras:

Alguns generais, desgostosos com a política oficial e pessimistas em face a do seu insucesso, desejavam evitar que o país se dividisse em dois exércitos que se destroem, como nos Estados Unidos da América nos tempos de Lincoln. Um deles, por ventura o de maior renome, Tasso Fragoso, acreditava na derrota do governo. (...) Consultado antes por Lindolfo Collor, dissera repugnar tomar arma contra a legalidade, mas lhe faltava entusiasmo para ajudá-la. (CALMON, 1963, p. 2275).

A princípio, pode causar espanto que um homem de armas possa ter sido escolhido para patronear uma cadeiras de uma das instituições culturais mais antigas do Brasil, como esta nobre Academia Maranhense de Letras, também conhecida como Casa de Antônio Lobo. Esse espanto também foi declarado pelo pesquisador Antônio Noberto, quando tomou posse no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, na cadeira 43, também patroneada, pelo ilustre general e político maranhense. Contudo, todos os que começam a se debruçar sobre a vida e obra desse homem de armas e de letras são logo levados pela admiração. Lembrome também que assim que fui eleito para esta Casa, o sempre amigo e agora também confrade Sebastião Moreira Duarte, ao me indagar sobre quem seria o patrono deste assento a que doravante ocuparei, me disse com sua voz de tenor: “*Você vai se encantar com a história desse homem*”. Outro amigo

acadêmico, o escritor e desembargador Lourival Serejo, na primeira reunião da Academia a que compareci após a eleição, mostrou-me um pequeno quadro na parede e me disse apontando para um selo que compõem o conjunto: “*Veja, ali está Tasso Fragoso, um dos poucos maranhenses que foram homenageados pelos Correios com um selo comemorativo*”.

Não foi apenas por sua atuação política e militar que Augusto Tasso Fragoso foi lembrado para patronear uma cadeira nesta Casa, mas também por suas incursões no campo das letras, mais notadamente no território da historiografia. Além de colaborações com artigos em revistas de cunho acadêmico provavelmente desde a segunda metade dos anos oitenta do século XIX, nosso militar-escritor também escreveu dois importantes livros que comentam e analisam momentos da História do Brasil. Em 1922, pela Imprensa Militar, ele publicou *A Batalha do Passo Rosário*, livro no qual “abordou o maior choque militar jamais travado em territórios brasileiros, durante a Guerra Cisplatina, em 20 de fevereiro de 1827” conforme explica o historiador Mário Maestri (2012) em um dos raros artigos científicos dedicados ao escritor maranhense. Não se contentando em narrar e comentar os fatos, Fragoso aproveitou parte do seu livro para propor um estudo mais aprofundado sobre a história militar no Brasil.

Mas seu trabalho de maior fôlego foi História da *Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, publicado em 1934 pela Imprensa do Estado Maior do Exército. Esse trabalho é tido até hoje como uma espécie de paradigma para a construção de uma história crítica da vida militar brasileira. Partindo de exaustivas pesquisas em fontes documentais oriundas dos quatro países envolvidos no conflito, o general, que era visivelmente influenciado pelas ideias positivistas, analisa os

fatos que desencadearam o conflito, bem como os reflexos disso nas relações entre os países envolvidos.

Depois de assumir diversos cargos públicos, de exercer importantes papéis na vida política brasileira e de ter seu nome citado entre as mais importantes personalidades de sua época, Tasso Fragoso continuou dedicando seu tempo à nação, até ser compulsoriamente aposentado por haver completado setenta anos de idade, vindo a falecer seis anos depois, exatamente no dia 20 de setembro de 1945, não sem antes deixar para a posteridade outros trabalhos historiográficos de sua lavra, como é o caso de *A Revolução Farroupilha*, *Os Sofismas e as Contradições do Doutor Max Fleiuss* e *Franceses no Rio de Janeiro*.

Por sua atuação no campo da História, bem como por sua erudição e respeito aos métodos históricos da época, Tasso Fragoso passou a ser conhecido como pai da História Militar Crítica no Brasil, seus trabalhos, mesmo que hoje pouco divulgados, são importantes fontes de pesquisa sobre a formação histórica e social brasileira.

Com esses breves comentários sobre a vida e a obra desse valoroso intelectual maranhense, acredito que todos os presentes já devem estar convencidos de sua importância para as letras brasileira e de sua merecida escolha para patronar a cadeira 36 desta Academia de Letras.

BACELAR PORTELA

O fundador e, conseqüentemente, primeiro ocupante desta citada cadeira foi o médico, professor, pesquisador e escritor João Bacelar Portela.

Nascido na cidade de Santa Quitéria, no dia 16 de

junho de 1906, filho do casal Viriato Oliveira dos Santos e Rosa Bacelar Portela, o jovem João Bacelar Portela, seguindo os passos de tantos outros meninos de sua época, cedo teve que emigrar para a capital piauiense, a fim de iniciar seus estudos primários.

Concluídos os estudos iniciais, ele regressou à terra natal e foi trazido para São Luís, onde foi matriculado no Seminário Santo Antônio. Mas seu espírito inquieto, questionador e voltado para o mundo das ciências parece não ter se adaptado às rígidas normas estabelecidas por aquela secular instituição de ensino.

Apaixonado pelos números, o jovem Bacelar Portela alimentou o sonho de graduar-se em Engenharia, chegando a frequentar o curso por um ano, contudo, atendendo a pedidos da família, voltou-se para a área da saúde e cursou a Faculdade de Farmácia por dois anos, com o intuito de depois transferir-se para Medicina, que passou a ser seu foco de estudo. Porém, algumas alterações na Legislação da época serviram como entrave a seus objetivos. Ele teve então que prestar novo exame para ingressar no curso naquele curso superior da Escola de Medicina da Praia Vermelha, instituição pela qual se formou em 1932.

Aproximadamente três anos após colar grau, Bacelar Portela contraiu núpcias com a senhora Maria Alice Abreu, com quem teve cinco filhos – Delzita, Maria Yêdda, Edna Edenir e João Filho.

Contudo, o fato de dedicar-se com afinco à família e à carreira médica não apagou naquele homem o interesse pelas letras, pelo magistério e por outras áreas do conhecimento, com, por exemplo a matemática e o estudo da obra de grandes vultos de nossas letras.

O magistério foi um dos caminhos seguidos por

esse intelectual maranhense que nunca se contentava com os conhecimentos adquiridos e sempre buscava aprender mais e mais. O casamento entre o senso de pesquisador e o dom do magistério fez com que ele concorresse a vagas de professor em diversas instituições de ensino. E para lograr os resultados desejados, lia, pesquisava, escrevia e defendia suas teses.

Para concorrer ao posto de catedrático de Fisiologia da Escola de Farmácia e Odontologia da capital maranhense, escreveu a tese intitulada *Da Função dos Canais Semicirculares*, trabalho esse que foi publicado em forma de livro em Teresina, no ano de 1941, que foi muito elogiado por intelectuais como Domingos Vieira Filho, que comentou haver sido a referida tese alvo de diversas discussões “pelo ousado dos princípios”, sendo seu autor “saudado com efusão nos meios científicos do país”.

Foi também com a finalidade de concorrer a outra cátedra, desta feita para a disciplina Noções de Psicologia Geral e Psicologia Educacional, que ele escreveu outro de seus importantes trabalhos, a tese *A Noção de Espaço*, que também foi muito elogiada e ainda hoje pode servir como referências para os estudos sobre as variadas percepções do espaço.

Outro trabalho de relevo do Doutor Bacelar Portela é um livro publicado em 1975, pela Editora da Universidade Federal do Maranhão, sobre a vida e a obra do grande matemático maranhense Joaquim Gomes de Sousa. Possivelmente a paixão pelas ciências exatas e pela trajetória dos grandes homens de nossa história tenham feito Bacelar Portela dedicar grande parte de sua vida a buscar referências e a estudar a vasta produção intelectual daquele genial maranhense que causava espanto por suas deduções

matemáticas.

Homem bastante requisitado para conferências e palestras, Bacelar Portela não se esquivava de suas responsabilidades como médico, professor, pesquisador e pai de família. Mesmo assim encontrava tempo para desenvolver diversos trabalhos voltados para variados campos do saber humano. Lutando para dar maior visibilidade aos valores de nossa terra, ele muito discursou sobre nossas letras e escreveu ensaios sobre autores como Nina Rodrigues, Nauro Machado, Gonçalves Dias e José Nascimento Morais, além de produzir um até hoje lembrado e estudado ensaio intitulado: *Psicologia Geral do Indígena: processo de maturação psicológica do índio no contexto de sua cultura*, trabalho que até hoje desperta muito interesse por seu pioneirismo.

Por seu engajamento cultural e por sua brilhante inteligência, Bacelar Portela acabou sendo eleito, no dia 1º de julho de 1950, para a cadeira 36 da Academia Maranhense de Letras, e tomou posse cerca de cinco semanas depois, no dia 10 de agosto, sendo recebido por Achilles Lisboa. A data da posse de Bacelar Portela é emblemática para esta Casa por ser aniversário do grande poeta Gonçalves Dias e também data oficial da fundação desta Academia.

Além de digno membro da Academia Maranhense de Letras, nosso escritor recebeu muitas outras honrarias, como, apenas para citar algumas: membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, Cavaleiro da Ordem de São Silvestre, Professor Emérito da Universidade Federal do Maranhão e membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, além de haver sido agraciado com a Medalha Gonçalves Dias por esta Academia.

João Bacelar Portela faleceu em 31 julho de 1978. No dia seguinte, os principais jornais do Estado comunicavam

em notícias sintéticas a grande perda. Todos elogiavam a bela trajetória intelectual do escritor e traçavam um breve perfil biobibliográfico do falecido acadêmico. Sete dias após o passamento do intelectual maranhense, o colunista Wady Sauaia publicou em *O Imparcial* uma bela crônica na qual relembra algumas passagens pitorescas da vida de Bacelar Portela, destacando seu talento nato para a medicina e para o magistério. Depois disso a morte de nosso escritor foi eclipsada pela notícia do passamento do Papa Paulo VI. Atualmente, como lembra o poeta e ensaísta Nauro Machado, Bacelar Portela tem seu nome injustamente relegado ao esquecimento.

Para concluir esse breve esboço biobibliográfico desse notável maranhense, transcrevo aqui um cromo literário criado por Fernando Viana em que descreve o primeiro ocupante desta cadeira.

Levando em conta o apaixonado arroubo
Com que outrora abusou da Poesia,
Achou-se o cirurgião, à revelia,
Dentro do Trianon de Antônio Lobo.

Profissional consciente, ativo e probo,
Firmou-se com vigor na cirurgia,
E, entre os maiores cirurgiões do globo,
Há-de seu nome figurar um dia.

Estatura meã, sorriso franco
Traz, de harmonia com o cabelo branco,
No rosto vivo, o olhar mordaz e arguto.

Vovô moço de anúncio de elixir,

Fuma tanto que se há-de concluir
Que vive pendurado num charuto...

UBIRATAN TEIXEIRA

É também com carinho e admiração que começo a falar agora de meu antecessor, o múltiplo intelectual Ubiratan Teixeira, um homem que fez da própria vida um tablado e que fez da palavra sua grande arma de combate contra tudo aquilo que ele julgava injusto.

Filho do casal Raimundo de Araújo Teixeira e Rosa Sanches Pereira Teixeira, Ubiratan Pereira Teixeira nasceu em São Luís do Maranhão no dia 14 de outubro de 1931. Ainda na infância, perdeu parte da família biológica, que foi vitimada pela tuberculose, sendo então criado por uma tia e pelo marido desta. Em um depoimento, ele comentou que *“apesar de ter tido uma infância e uma adolescência cercadas de mimos e cuidados especiais, arte e literatura não tinham guarida com o sargento Viégas”*.

O contato com as letras e com as artes em geral veio do convívio com mestres dos melhores colégios da cidade na época: Jardim Decroly, onde fez os estudos iniciais, e Colégio São Luís, onde começou amizade com o professor Luiz Rego e com muitos outros intelectuais. Como não podia dedicar-se à leitura de forma explícita, tinha que recorrer a diversos subterfúgios para poder mergulhar no mundo da leitura. Foi escondido, então, que aos dez ou doze anos leu o primeiro livro que marcou sua vida: *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. Depois vieram inúmeras outras leituras, cursos, graduações e uma formação

humanística sólida, mas em constante construção.

Da leitura para a escrita foi um passo natural para aquele homem que bebeu na fonte de mestres como Antônio Martins Araújo, João Mohana, Fernando Moreira, Luiz Rego e muitos outros que contribuíram para que aquele rapaz simples se tornasse um dos mais respeitados escritores das letras maranhenses.

O que também contribuiu para que Ubiratan Teixeira moldasse seu estilo foram as lides com o jornalismo. Em sua vida profissional, ele escreveu sobre praticamente tudo e acabou se especializando na crítica voltada para a arte, escrevendo sobre cinema, artes plásticas e, principalmente, teatro e literatura.

Seu talento o levou a concorrer a uma cadeira na Academia Maranhense de Letras, na vacância ocasionada pelo passamento de João Bacelar Portela. Seguindo os rituais para ingresso nesta Casa, ele foi eleito no dia 07 de dezembro de 1978 e tomou posse no dia 04 de outubro do ano seguinte, sendo recepcionado Bernardo Almeida, em concorrida cerimônia.

Acredito que todos os que estão presentes conheceram Ubiratan Teixeira, que era carinhosamente chamado de Velho Bira pelos companheiros e admiradores, então antes de passar para o estudo da obra de meu antecessor, recorro novamente a um membro da família Viana, desta vez ao consagrado poeta e romancista Waldemiro Viana, que, em poucos versos, traçou um perfil de nosso homenageado. Aqui está um trecho do soneto dedicado ao autor de *Vela ao Crucificado*:

À vontade ao pregar no anfiteatro,
debochado, brigão, quase niilista,

adora uma postura antielitista
e é o bambambã das artes do Teatro.

Contista, novelista, jornalista,
milhões de istas e o diabo a quatro
apesar do semblante tenso e atro
nas conversas atraí, seduz, conquista.

É esse um interessante retrato em 3 x 4 de um homem que conquistava com sua conversa franca e com seu jeito despojado de cerimonialismo.

Conforme veremos a seguir, a obra de Ubiratan Teixeira é vasta e bastante diversificada, indo do conto à literatura infanto-juvenil e passando por teatro, novela e memória. Em cada página escrita, Ubiratan Teixeira deixava suas digitais em forma de um estilo inconfundível que valorizava as classes menos favorecidas na prosa de ficção sem esquecer as mais delicadas e elaboradas obras de arte nos ensaios e crônicas sobre a cultura em geral.

Eis aqui, elencadas suas obras publicadas:

- *Pequeno Dicionário de Teatro* – (2005) – ampliada e relançada em 2012 com o título de *Dicionário de Teatro*
- *Sol dos navegantes* (1975) – conto
- *Educação Artística para o 1º grau* (1975) – obra técnica
- *Histórias de amar e morrer* (1978) - conto
- *Vela ao crucificado* (1979) – conto – Reeditado em 2010 com acréscimo da peça teatral (adaptada por Wilson Martins) e do roteiro cinematográfico (elaborado por Frederico Machado)

- *Caminho sem tempo* (1979) – teatro
- *O Banquete* (1986) – novela
- *Bento e o boi* – (1987) teatro
- *O teatro que fiz, o espetáculo que vivi* (1989) – memória
- *Búli-Búli* (1992) – literatura infantil
- *A Ilha* (1998) – novela
- *Pessoas* – (1999) – contos
- *Labirintos* (2009) – Novela
- *Diário de Campo* (2010) – crônicas
- *Bastidores* (2012) – crônicas

Como não poderia deixar de ser, meu primeiro contato com Ubiratan Teixeira veio através das páginas dos livros. Era o ano de 1988. Eu era estudante do curso de Construção Civil da antiga Escola Técnica Federal do Maranhão, que depois teve sua identidade alterada para Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) e atualmente se chama Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifma). Mesmo fazendo um curso no qual os cálculos eram um imperativo, sempre que podia eu estava na biblioteca da instituição, vasculhando as prateleiras em busca de algo para ler. Um dia, quase por acidente, meus dedos ávidos de novidades tocaram a capa de um pequeno volume intitulado *O Banquete*.

Naquela época eu acabava de regressar ao meu torrão natal e ainda me sentia um estrangeiro na própria terra. Procurava conhecer então o terreno onde pisava a partir de incessantes leituras das obras dos autores locais. Lia tudo o que passava diante dos meus olhos, mas confesso que me senti incomodado diante daquela narrativa pouco convencional. O livro foi lido em algumas horas, mas a

sensação de desconforto diante daquelas inusitadas cenas me acompanhou durante semanas. Posso dizer que foi esse livro de Ubiratan Teixeira que abriu caminho para que eu mergulhasse mais profundamente na produção em prosa de nosso Maranhão.

Anos depois, já estudando Letras na Universidade Federal do Maranhão, assaltou-me a certeza de que nós mesmos, maranhenses de nascimento ou por adoção, desconhecíamos nossa produção literária. Havia (e ainda há) um fértil terreno vazio a ser explorado com relação aos estudos das letras de nosso Estado. Comecei então a colecionar recortes de jornais que falassem sobre obras, autores e momentos literários de minha província. Eis que novamente Ubiratan Teixeira cruza com meu caminho...

Um dos primeiros jornais que guardei era uma reportagem sobre as dificuldades encontradas por um escritor em nosso Estado. Ilustrando o texto estava uma imensa foto de Ubiratan Teixeira diante de uma máquina de escrever. Como pano de fundo, uma estante com livros, livros, muitos livros. Mal sabia eu que alguns anos depois, aquele escritor tão estimado sairia das páginas dos jornais e se tornaria uma realidade diante de meus olhos em eventos, lançamentos de livros, palestras, feiras literárias, festivais de literatura e bate-papo com estudantes.

Quando em 2005 para 2006, conquistei, com o livro *Restos de Vidas Perdidas*, o prêmio Odylo Costa, filho no Concurso Cidade de São Luís, novamente Ubiratan Teixeira aparecia diante de mim em forma de jurado. Somente alguns meses depois do resultado divulgado soube que ele havia sido um dos avaliadores, o que me deixou deveras honrado e que, ao meu ver, valorizou ainda mais o prêmio por mim recebido.

Além dos contatos pessoais com o Ubiratan ser humano, tive na condição de estudioso da literatura maranhense inúmeros momentos com o Ubiratan de papel, em forma de livros e de artigos de jornal. Li avidamente muitos de seus trabalhos sem ter a menor ideia de que hoje estaria aqui, no mesmo local onde o vi pela última vez, fazendo-lhe esta homenagem.

Como já disse, obra de Ubiratan Teixeira é vasta e variada, indo desde trabalhos técnicos até obras voltadas para o público infanto-juvenil, passando por contos, novelas, romances, peças de teatro, crônicas e depoimentos. Cada página sua era temperada com um estilo próprio, reconhecível à distância pelos admiradores de seus textos.

Como cronista, Ubiratan Teixeira atuou durante décadas na imprensa maranhense, produzindo uma infinidade de textos sobre inúmeros assuntos, mas com preferência pela discussão sobre a vida intelectual de nossa cidade. Ele era um crítico ácido e feroz do abandono cultural não só da Ilha, mas de todo o Estado. Reclamava com frequência da falta de assistência aos artistas e produtores culturais e derramava-se de felicidade quando via que algum projeto estava dando certo. Contudo, infelizmente esses arroubos de alegria não eram tão constantes em suas páginas, pois o que imperava e ainda impera em nossa terra é o abandono dos artistas e produtores culturais e o olvido por parte de algumas das autoridades constituídas.

Em seus contos, nosso escritor optou por dar voz aos desvalidos, às pessoas que tiveram sua dignidade e até mesmo a cidadania negadas por um processo social e histórico que se repete ao longo dos tempos. Basta lembrar o conto *Vela ao crucificado*, uma brilhante metáfora das condições desumanas de uma família que se vê sem ter o que fazer diante de uma

situação indesejada da morte de um de seus filhos. Nessa breve, mas contundente passagem, o narrador não se limita a contar uma história, mas sim busca levar o leitor a uma reflexão sobre a própria condição desumana em que vive uma parcela da sociedade. Na obra, pessoas, insetos, miséria e sofrimento se mesclam simbioticamente, formando um todo compacto em que prevalece a desesperança em dias melhores.

Ainda com relação à narrativa curta, aproveito também para destacar o conto *Cinderela do lixo*, que se encontra enfeitado no volume *Pessoas*, de 1999. Como o próprio título já indica, trata-se da história de alguém que sobrevive à margem da sociedade; o conto é narrado por um homem que se autodenomina um Predador e que naquela noite sai à caça de sua vítima. No decorrer da narrativa, dois universos sociais se bifurcam e depois se fundem: de um lado está o jornalista que deseja saciar sua libido nas jovens carnes de uma garota bela e aparentemente ingênua. Do outro, está o mundo-cão que se descortina nas cidades assim que as pessoas voltam para suas casas depois de um dia de trabalho. Quando esses dois universos paralelos se encontram, alguém tem que sair perdendo. E Ubiratan Teixeira demonstrava em seus contos que quem perde é a sociedade como um todo.

Em suas novelas, o prosador maranhense preferia uma forma mais arrojada de narrar as histórias perpetradas, que podem até parecer absurdas em alguns trechos para quem não está acostumado com os meandros da ficção moderna, mas que mantém um forte traço de coerência quando vistas no conjunto. A mistura de eventos inusitados dentro de situações verossímeis e a fragmentação do enredo desnorteiam o leitor e muitas vezes exigem uma leitura mais atenta de determinados trechos. É o que acontece, por

exemplo, em *O banquete* e *A Ilha*. O próprio autor, ciente de que sua obra poderia despertar dúvidas, adverte que:

Os menos avisados podem ser tentados a incluir esta história no gênero ficção científica: no que cometerão uma injustiça de avaliação à rica vida cotidiana desta fantástica cidade de São Luís e arredores. A começar pelos personagens, todos carinhosamente resgatados do dia-a-dia de nossa vida cultural, e das locações por onde essa gente se movimentava. No meu entender raras cidades brasileiras guardam um acervo de lendas tão ricos como São Luís. (TEIXEIRA, 1998, pág. 5)

A contribuição de Ubiratan Teixeira para o teatro parecia ser sua maior fonte de orgulho. Ele adorava contar e escrever sobre sua atuação no palco, nos bastidores ou na elaboração de seus textos. Algumas obras desse autor são essenciais para qualquer pessoa que pretenda conhecer um pouco da produção teatral no Maranhão. É o caso do pequenino, mas muito interessante *O teatro que fiz; o espetáculo que vivi*, que traz uma radiografia do movimento teatral em São Luís a partir da segunda metade do século XX, e do depoimento cedido a Aldo Leite para compor o livro *Memórias do Teatro Maranhense*. Esse depoimento por sinal ajuda a completar as ideias iniciadas no volume anteriormente citado.

Indiscutível também é a importância de seu *Pequeno Dicionário de Teatro*, que depois se avolumou e recebeu o título de *Dicionário de Teatro*, ao ser reeditado pelo Instituto Geia em 2005. O livro, desde sua primeira edição, em 1972, mereceu elogios de diversos profissionais ligados às artes cênicas. Esse trabalho traz uma diversidade de termos técnicos e já se tornou uma referência obrigatória para

estudantes e professores. Segundo palavras da escritora e pesquisadora Arlete Nogueira da Cruz, esse livro é bem mais que uma coleção de verbetes, transformou-se em um documento sobre a arte em geral.

Sabedor de que reunir crônicas publicadas em jornais ao longo de décadas é uma tarefa árdua, Ubiratan Teixeira, quase no final de sua jornada, reuniu vários de seus textos sobre teatro em dois livros: *Diário de Campo* e *Bastidores*. Nessas duas obras, o leitor encontra muito mais que textos sobre a produção e a representação cênica no Maranhão. Encontra o testemunho de um homem que não apenas registrou a história de uma época, mas que também que viveu e que ajudou a construir essa própria história do teatro em nossas terras durante mais de meio século.

Para terminar esses breves comentários sobre a obra de meu antecessor, falarei um pouco de uma de suas facetas menos conhecidas, a de autor de obra voltada para o público infantil. Seu único livro publicado nesse gênero foi *Búli-Búli*, com ilustrações de Jesus Santos. O livro é uma alegoria que versa sobre assuntos diversos, como família, leituras, amizade, transformações e morte. Em determinado momento o narrador começou a entender que:

Neste mundo em que vivemos tudo tem um começo e tem um fim para os nossos olhos. Comecei a sentir que tudo o que é um dia muda. (TEIXEIRA, 1992, p. 24).

Ele tinha razão tudo muda. Mesmo com a saúde abalada, Ubiratan Teixeira continuou produzindo suas crônicas e alegrando seus admiradores. Até que o guerreiro das palavras silenciou.

Lembro-me de que fiquei aquele final de semana inteiro lendo e escrevendo, sem acesso ao rádio, televisão

ou à internet. Na segunda-feira, como de costume, acordei cedo, e comecei a me preparar para mais uma semana de trabalho. Ao abrir o jornal, a notícia era péssima: Ubiratan Teixeira havia falecido.

Era ainda muito cedo e minhas aulas só começariam depois das nove. Decidi então ir pela última vez ao encontro daquele homem casmurro e brincalhão ao mesmo tempo. E foi aqui, neste mesmo salão, que me despedi de Ubiratan Teixeira, do lado físico apenas, pois suas palavras e suas obras acompanharão para sempre seus leitores e seus admiradores. E eu, senhores e senhoras, sou um de seus leitores e admiradores dessa vasta obra.

Chegando à Universidade Federal do Maranhão, dirigi-me à sala de aula. Naquele espaço ainda vazio, lembrei-me daquela fotografia de Ubiratan diante da máquina de escrever. Liguei o computador e escrevi um artigo de despedida para aquele grande teatrólogo, cronista e prosador. Mas não poderia ser um texto comum. Ele merecia algo que trouxesse tudo o que ele mais amava e tudo por que ele lutou durante sua jornada. Então escrevi o breve texto intitulado *Um espetáculo chamado Ubiratan*, que dias depois saiu publicado em *O Estado do Maranhão*.

Peço permissão aos senhores e senhoras para ler essa pequena crônica, na qual em dez curtíssimas cenas, repasso um pouco do que foi aquele homem que fez de sua vida um palco voltado para as letras. Eis o texto:

As letras maranhenses perderam um grande escritor. Ubiratan Teixeira foi um homem dedicado à vida cultural da cidade e que fez de sua vida uma grande obra de arte. Como forma de homenagem, colocamos a seguir um esboço de um espetáculo que já aconteceu e que nunca mais vai se repetir. As dez cenas a

seguir são apenas fruto da imaginação de um leitor e admirador que sentirá falta do dos textos, do estilo e das ironias refinadas desse cultor das palavras.

Cena 1 – (Um quarto iluminado. Pessoas entram e saem. Sussurros) As cortinas da vida se abrem e, sob um raio de luz, aparece no palco da vida a criança que será registrada com o nome de Ubiratan Teixeira. Silêncio total. O silêncio é cortado por um forte vagido de criança. Depois, festa e alegria.

Cena 2 – (Uma rua de um bairro. Muitas crianças em cena.) O garoto cresce, leva uma vida de menino solto pelos bairros de sua infância e juventude. Encanta-se com as primeiras leituras. Encontra refúgio nas palavras. Aos poucos percebe que viver é mais que respirar, andar, correr. Descobre que viver é também sonhar, produzir e lutar por dias melhores.

Cena 3 – (Em sala de aula) O adolescente rebelde procura nas palavras uma forma não apenas de sobrevivência, mas sim uma razão de viver. Recebe elogios de diversos mestres e percebe que seu caminho está diretamente ligado à paixão pelo texto escrito. O teatro aos poucos vai entrando em sua vida.

Cena 4 – (Uma sala de espelhos. Ubiratan anda de um lado para o outro, inquieto) Para muitos, o jovem sonhador, de forma alucinada, divide-se entre as reportagens, as crônicas, as polêmicas jornalísticas, a família, o teatro, os estudos, os amigos e sua paixão por sua esposa. Mas, na verdade, ele não se dividia. Ele se multiplicava para doar-se a tudo e a todos, para ser pai, esposo, profissional, pesquisador e amigo.

Cena 5 – (Ubiratan diante de sua máquina de escrever, cercado de livros) O escritor ganha vulto. Os livros começam a aparecer: *Pequeno dicionário de teatro, Sol dos navegantes, História de amar e morrer, Vela ao crucificado, Caminhos sem tempo, O banquete, Bento e o boi, O teatro que fiz; o espetáculo que vi, Búli-Búli, A Ilha, Pessoas, Dicionário de Teatro, Labirintos, Diário de campo e Bastidores.*

Cena 6 – (Salão da Academia Maranhense de Letras – Várias cenas em sequência aleatória) Ubiratan toma posse na Academia. Faz seu discurso. Reúne-se com os confrades. Recebe prêmios e homenagens. Lança livros. Assiste a eventos. Sempre acompanhado da esposa, da família e de diversos amigos.

Cena 7 – (Um pátio de escola) Ubiratan Teixeira conversa com estudantes. Conta passagens de sua vida. Ri com os jovens. Responde a diversas perguntas. Reclama sobre a invisibilidade do autor maranhense. Incita a juventude a ler, a pesquisar, a estudar.

Cena 8 – (Um tablado de teatro) O teatrólogo e diretor Ubiratan Teixeira orienta seus atores. Faz a marcação das cenas. Repete as falas. Reclama das falhas perceptíveis apenas a olhos e ouvidos treinados pelo tempo e pela experiência de quem viveu anos vários anos ligado às artes dramáticas.

Cena 9– (Diante da mesa de trabalho) O articulista escreve sua crônica semanal. Vocifera contra a enfermidade que o devora. Consulta um dicionário. Volta a escrever. O papel em branco é seu desafio diário. Coloca o ponto final na crônica e a envia para o jornal. Levanta-se. Olha ao redor. Abre a porta e sai pela porta da frente, de onde emana um jorro de luz. Missão cumprida.

Cena 10 - Lentamente as luzes se apagam, as cortinas descem. Luzes. Orações.

Aplausos!

Para concluir, pois sei que muito já me alonguei, devo dizer que me sinto honrado por ingressar nesta nobre Casa, assim também como me sinto honrado em pertencer a uma geração que fez da literatura uma das razões de sua vida. Hagamenom de Jesus, Antônio Ailton, Bioque Mesito, Ricardo Leão, Dino Cavalcante, Samarone Marinho, Lindalva Barros, Jorgeane Braga, Dyl Pires, Natan Campos, Geane

Fiddan, Geraldo Iensen, Marcos Fábio Belo Matos, Lúcia Santos, Bruno Azevêdo, eu e muitos outros que começaram suas incursões no mundo das letras nos anos 90 do século passado somos herdeiros de grandes nomes como Bandeira Tribuzi, Nauro Machado, José Chagas, Salgado Maranhão, Josué Montello, Ferreira Gullar, Lucy Teixeira, Clóvis Ramos, Dagmar Destêrro, Jomar Moraes, Nascimento Moraes Filho, Luis Augusto Cassas, Raimundo Fontenelle, Paulo Melo Souza, Celso Borges, Rossini Corrêa, Alberico Carneiro, Waldemiro Viana e de tantos outros que nos serviram como modelo de intelectuais que tanto lutam e lutaram para que nossa terra fosse reconhecida como lugar de arte e de cultura.

Ao entrar para esta Casa, trago comigo o agradecimento a tantas gerações que me servem e me serviram como fonte de conhecimento. A todos o meu muito obrigado.

REFERÊNCIAS

CALMON, Pedro. História do Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. VI.

CRUZ, Arlete Nogueira da. Sal e Sol. Rio de Janeiro: Iago, 2006

MAESTRI, Mário. Tasso Fragoso e a Guerra da Tríplice Aliança: história e ideologia. In: Revista O Olho da História nº 18. Salvador, jul-2012.

NOBERTO, Antônio. Discurso de posse do escritor Antônio Noberto na cadeira de número 43 do Instituto

Histórico e Geográfico do Maranhão, patroneada por Tasso Fragoso. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, nº 39, São Luís: IHGM, dez-2011.

VIANA, Fernando [Feliciano Ventura]. Passarela e outros perfis. São Luís: AML/SIOGE, 1991.

VIANA, Waldemiro. Passarela do centenário e outros perfis. São Luís: AML, 2008.



Conversando com Ubiratan Teixeira na sede da Academia Maranhense de Letras, em 2012. Foto: Linda Barros

DISCURSO DE RECEPÇÃO



CERES COSTA FERNANDES

Escritor e professor José Neres,

A minha primeira palavra será de agradecimento pelo júbilo que me trouxe vosso carinhoso convite. Por conhecer-vos, não hesitei em aceitar o desafio, o privilégio de abrir-vos as portas e dar-vos as boas-vindas na hora ímpar do vosso encontro com esta Academia. Faz-se mister reconhecer que, nesta hora, a minha função é apenas simbólica. Estas gloriosas portas foram, na verdade, abertas pelo vosso talento, pela cultural e multiforme bagagem que trazeis convosco: as obras editadas, as alongadas pesquisas e os estudos efetuados, e, principalmente, na apreciação, na crítica e divulgação dos numerosos autores maranhenses a quem tendes dedicado grande parte da vossa, não tão longa, mas intensa vida intelectual, obras que agora vos acompanham nesta chegada vitoriosa..

Eis-me aqui para saudar-vos.

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

Recebemos, em nosso convívio, o jovem escritor, intelectual e educador José Neres Costa, a quem saudamos agora como o mais novo membro da Academia Maranhense de Letras e, também, como o benjamim entre seus pares. O recém-chegado terá a árdua missão de suceder, não substituir, figuras das mais proeminentes deste sodalício, o médico, escritor, cientista e professor Bacelar Portela, membro fundador de vários cursos da Universidade Federal do Maranhão, e o nosso querido Ubiratan Teixeira,

dramaturgo, contista e cronista, dos maiores desta Casa, último ocupante da Cadeira nº 36.

Senhoras e Senhores

Não tenhamos, porém, cuidados, os legados culturais e literários deixados por eles permanecerão enriquecendo esta Casa e a cultura maranhense. O jovem que chega para ocupar a Cadeira nº 36, patroneada por Tasso Fragoso e ocupada por seus antecessores, terá a obrigação estatutária e o compromisso moral e afetivo de preservar-lhes os feitos. Para que a imortalidade acadêmica se consubstancie e sejam agregados os antigos valores aos novos.

“A imortalidade não é patrimônio dos acadêmicos, mas da Academia”, diz Otto Lara Rezende, na sua oração de posse da Academia Brasileira de Letras. E, na mesma oração, advoga que: “a renovação se faça sempre sem precipitação e sempre sem preconceito de qualquer espécie, inclusive sem o receio do que é novo, como nova sempre nova e inovadora, há de ser a juventude”.

O desconhecimento da história das academias, particularmente da Academia Maranhense de Letras, leva pessoas alheias a essas instituições a cultivarem a concepção errônea de que existe uma idade acadêmica, uma idade obrigatória de amadurecimento biológico para os candidatos serem aceitos na convivência irmã dos confrades. Não nos é desconhecido que quando acontece o amadurecimento literário, o ponto exato em que o escritor está modelado, depurado no crisol da atividade intelectual, pronto para o reconhecimento, a idade biológica muitas vezes está em descompasso com o amadurecimento do seu talento. Cada ser humano tem o seu momento de desabroche. Graciliano Ramos, Giuseppe Lampedusa, Abgar Renault, entre

outros, só mostraram o melhor de sua literatura em idade um tanto distante da juventude; outros compuseram suas melhores obras, mal saídos do período extenso que cobre hoje a adolescência. Quem duvidará disso ao ler as obras de juventude de Gonçalves Dias, Castro Alves, Rimbaud e Aluísio Azevedo, dentre tantos.

Senhoras e Senhores,

Se a função primordial das academias é defender e preservar a cultura de um povo, desempenhar o papel de sua guardiã; é verdade também que temos o dever, acadêmico, e não academicista, de promover e apoiar a renovação da nossa língua e dos valores literários.

Diz-nos Mário Meireles, na Antologia da Academia Maranhense de Letras, quando da celebração do seu cinquentenário – 1908/1958 –, a respeito do contexto literário e cultural em que foi fundada a AML:

Na penúltima e quinta, na fase do decadentismo, que (se) fixa entre os anos de 1894 e 1932, é que nasce a Academia Maranhense de Letras, como núcleo propulsor da energia que se fazia necessário concentrar para a consecução do ideal objetivado.

Fundam-na, em sessão que se realizou às 19 horas do dia 10 de agosto de 1908, na Biblioteca Pública do Estado, então funcionando no prédio que hoje é sede própria do sodalício (aqui entre estas paredes), Antônio Lobo, diretor do estabelecimento, Ribeiro do Amaral, Barbosa de Godóis, Domingos Barbosa, Corrêa de Araújo, Vieira da Silva, Astolfo Marques, Alfredo de Assis, Xavier de Carvalho, Godofredo Viana, maranhenses todos, e Fran Paxeco, português e Clodoaldo Freitas,

piauiense. (grifos nossos)

Fato deveras curioso a notar: o grupo era majoritariamente composto de jovens, o mais idoso, Ribeiro do Amaral, o primeiro presidente, contava com a provecta idade de 55 anos. O mais jovem, Vieira da Silva, somava apenas 21 anos! A maioria situava-se entre a faixa dos 20 aos 30 anos.

Essa tendência ao acolhimento da juventude não se esgotou à época da fundação. Bem mais adiante, registramos alguns dos nossos mais relevantes nomes, que também ingressaram na Academia Maranhense de Letras, no vigor da juventude: José Sarney, 22 anos, Jomar Moraes, 29 e Josué Montello, 31; e note-se, nenhum deles, à época, alcançou a láurea por meio de influência política ou financeira que, de resto, não as possuíam.

Senhoras e Senhores,

O menino José Ribamar Neres Costa veio a nascer na mesma cidade do santo de seu nome. Mas o nome e o lugar de nascimento, ao contrário do que se espera que eu o diga, não lhe conferiu predestinação alguma. Neres não cria raízes na cidade mágica das romarias. Seria arrancado dali com apenas dois meses de nascido. Acompanhando a família, interna-se país adentro, com seus padrinhos, que o tomam para criar, e que, seguindo a tendência da época, vão para Brasília, cidade nascente, buscar oportunidades de trabalho..

Em Brasília, cursa a alfabetização e inicia os estudos básicos no Centro de Ensino nº 02, no Gama. O tempo das boas oportunidades de trabalho vão se esgotando no Distrito Federal e a família segue em busca de um novo

eldorado. Muda-se para Luziânia – Goiás. Lá, nos colégios Estrela Dalva e Alceu de Araújo Roriz, o menino estuda até a sétima série. Após esse tempo, retorna a São Luís, lugar onde termina o ensino básico e se encerra o périplo familiar.

Quando o talento existe, o valor porventura determinante da biografia é desimportante. Mas, sutis desvios de percurso embutidos no destino podem conduzir a uma não imediatamente percebida epifania a iluminar uma vocação. Conta-me José Neres que, no Distrito Federal e em Luziânia, foi alfabetizado e estudou os primeiros textos, não com as cartilhas tipo “Ivo viu a uva”, mas com poemas de Cora Coralina e depois Manuel Bandeira, Ferreira Gullar e Mário Quintana. Não é pouca coisa. Quantas crianças tiveram coincidente o início da sua educação com o encontro da arte?

Não terá sido isso fundamental no despertar literário do menino que fez em São Luís cursos técnicos, desde o antigo segundo grau, pensou em ser engenheiro e matemático, e depois achou o seu caminho no estudo de Letras?

Seguindo a sua escolha, Neres faz o Curso de Letras na Universidade Federal do Maranhão, seguido de Especialização em Literatura Brasileira, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e, já mirando o magistério, outra de suas vocações despertadas, faz o Mestrado em Educação na Universidade Católica de Brasília.

Ele lembra o primeiro livro lido: “*A Tulipa Negra*”, de Alexandre Dumas, pai, aos oito anos. Depois desse livro (diz ele) não parei mais de ler. “*De lá para cá foram inúmeros os autores lidos. Alguns não deixam de frequentar minhas leituras como é o caso de Neruda, Borges, Cortázar, Camus, Guimarães Rosa, Isabel Allende, Rubem Fonseca, Gullar, Augusto dos Anjos, Josué Montello, Mia Couto... Sempre gostei de ler e escrever, a par de jogar*

futebol.” Outra paixão confessa, importante saber, desde que Neres não é de confessar muita coisa.

O gosto pelo ensino surge, talvez, ele não afirma, com a ajuda que prestava aos colegas desde muito cedo. Apaixonado pela leitura e pela matemática, era-lhe fácil e prazeroso assumir o papel de professor. José Neres nasceu professor como quem nasce músico ou pintor. Curiosamente, só vai despertar para isso no decorrer do Curso de Letras.

Aí, começa o périplo de José Neres, ministrando aulas em diversos colégios de ensino médio, até fixar-se, em 2001, na Faculdade Atenas Maranhense – FAMA, onde é professor emérito e, a partir de 2013, na Universidade Federal do Maranhão, como professor substituto.

Recebeu Prêmios e títulos:

2102 – Medalha do Bicentenário de João Francisco Lisboa, Academia Maranhense de Letras.

2006 – A Importância do livro no Brasil do Século XXI, Academia Brasileira de Letras/ folha Dirigida.

2005 – Prêmio Odylo Costa, filho (contos), Prefeitura de São Luís

1994 – Honra ao Mérito (Poema), Instituto de Poesia Internacional.

1994 – Menção Honrosa (conjunto de poemas),

Instituto de Poesia Internacional.

Membro de corpo editorial da revista *Ágora Ateniense* (desde 2010) e *Revista de Letras da FAMA* (desde 2004).

Livros publicados:

Lousa rabiscada – artigos reunidos. São Luís, 2013;

Maranhão na ponta da língua: palavras e expressões maranhenses, com Lindalva Barros. São Luís 2011;

O Último desejo de Catirina. Edição digital. São Luís, 2010;

Sombras na escuridão, contos, edição digital, São Luís, 2010;

Montello, o Benjamin da Academia, Ed.Carajás, 2008;

50 Pequenas traições. Contos Edição do autor, São Luís, 2007;

Restos de vidas perdidas. Ed. Carajás, 2003;
Estratégias para matar um escritor em formação. São Luís, 2005

Negra Rosa e outros poemas. Cancioneiro. 2 ed. São Luís, 2003.

Poemas de desamor. São Luís 2003;

A mulher de Potifar. São Luís, 2002;

O discurso e as ideias, com Dino Cavalcante. São Luís, 2002.

Acrescentemos aos já editados mais de uma centena de artigos e ensaios publicados em jornais, que estão a merecer edição.

Dos trabalhos editados, na intenção de não tornar demasiado o vosso tempo, destacarei apenas três, que muito me agradam.

De José Neres, contista, escolhi e vos apresento o livro 50 pequenas traições, na linha minimalista de Dalton Trevisan, influência confessa do autor. Sua leitura lembra também as peripécias dos contos do Decameron de Boccaccio, pelas situações divertidas, permeadas de sensualidade e fina ironia.. É interessante notar que as traições são sempre femininas. As mulheres são as protagonistas e revelam-se bem mais espertas que os homens, a quem enganam. Os contos mínimos narram mais situações que histórias. Neres consegue captar, usando linguagem rápida, concisa e irônica, sentimentos, desvios de personalidade, desejos escusos e paixões. Minicontos exemplares com desfechos no clímax da narrativa, como se quer de contos bem feitos.

ATRÁS DA PORTA

Cinicamente, dizia para a esposa:

– Mulher minha tem é que ficar em casa. Não anda em festa, não. Eu posso sair e voltar na hora que quiser, entendeu?

Ela concordava com a cabeça.

– E tem mais, quando eu chegar, nada de perguntar onde eu estive ou com quem eu saí. Certo?

Ela assentia com a cabeça.

– Finalmente, quando eu for para as farras, deixarei minha alma atrás da porta para te proteger. O que vou usar com as outras mulheres é o corpo. Certo? A minha alma ficará aqui, atrás da porta...

Um dia sentiu-se mal na festa. Voltou mais cedo para casa, No quarto do casal, encontrou apenas a alma da esposa dependurada atrás da porta, bem ao lado da dele.

De José Neres, poeta, apresento-vos, *Negra Rosa e outros poemas*, o belo cancionero, composto de oito cantos, que narra a lenda envolvendo a profecia da negra virgem, predestinada a matar o touro negro com uma estrela na testa, o Rei D. Sebastião encantado. Nua, com um punhal de prata na mão, descalça na areia branca, em noite de lua cheia, ela golpeará o touro e, em vencendo essa luta, libertará todo o seu povo:

Canto VI:

OURO E PRATA

Linda negra Rosa,
A religião

Mudar não posso
Não posso ter teu
Belo corpo não,
Mas posso viver
No teu coração

Libertar escravo
É matar patrão,
Não posso viver
Sem meu coração.
Toma ouro e prata,
Salva teu irmão,
Sei o que é viver
Em escravidão.

Adeus, vou embora,
Não volto mais não,
Leva prata e ouro
E meu coração
Quem já foi escravo
Do teu olhar não
Pode ter patrão.

Do ensaísta e pesquisador, destaco, *Montello, o benjamin da academia*. São Luís, Carajás, 2008. Trata-se de um ensaio, resultante de longa e acurada pesquisa sobre a vida do escritor Josué Montello, uma das admirações e influência literária. O ensaio concentra-se na trajetória que Josué percorreu, de desconhecido escritor de província a membro prestigiado e o mais jovem, na ocasião do seu ingresso na Academia Brasileira de Letras. Não sem antes adentrar a nossa própria Academia.

Pesquisa viva, texto de linguagem instigante, escrito a modo de romance de ação, leva o leitor a seguir com interesse os passos de Josué (diga-se, a bem da verdade, cuidadosamente planejados pelo próprio, como ele bem o confessa), rumo à Academia Brasileira de Letras, um dos seus bem demarcados objetivos de vida.

O texto de José Neres romantiza a narrativa, prende o leitor interessado no desfecho, mesmo que o final seja de todos consabido. Mantém o suspense até o momento em que, vitorioso, Josué Montello assume a Cadeira nº 29 da ABL com apenas 37 anos e confirma o assinalado no título da obra.

Senhoras e Senhores,

Da bagagem cultural multiforme de professor de Letras, poeta, contista, crítico literário, pesquisador e ensaísta, que carrega nosso homenageado, ressalto a importância dos seus textos de crítica literária, publicados na mídia, que tratam dos escritores maranhenses, principalmente dos escritores recentes. O conhecimento e estudo destes nomes, dos escritores que produziram e produzem suas obras escritas a partir da segunda metade do século XX, praticamente inexitem na história da Literatura Maranhense, ressaltando-se pouquíssimas e honrosas exceções.

Os textos escritos por Neres, que chegam quase a duas centenas, refletem uma dedicação certamente decorrente de seu ofício como professor e do incansável leitor e estudioso da literatura brasileira e da literatura maranhense.

José Neres estuda e ensinando aprende, conforme nos ilumina Guimarães Rosa. Mas não se contenta em ser mestre

e aprendiz. Quer dividir esta aprendizagem com muitos e prolongar a sua sala de aula nos periódicos e através da comunicação eletrônica e virtual, lidando com a delicada matéria da crítica literária.

Entendemos que o escritor José Neres Costa está empreendendo uma cruzada em prol do reconhecimento e leitura dos autores maranhenses contemporâneos, guardadas as devidas proporções, semelhante à que se empenhava, no passado, Antônio Lobo.

Prefaciando o livro *Vida e obra de Antônio Lobo*, de Jomar Morais, José Sarney o chama de “agitador de ideias, animando com a vibração do seu talento, as coisas do espírito, na São Luís do seu tempo.” Antônio Lobo foi professor secundário, bibliotecário, ensaísta e crítico literário. O intelectual que dá nome a nossa Casa, e um dos líderes do movimento de jovens intelectuais que fundou a Academia Maranhense de Letras em 1908.

Permitam-me ilustrar o que digo, com este excerto, retirado de uma conferência proferida, em 1939, por Assis Brasil, denominada Recordações de Antônio Lobo,

Diz Assis Brasil:

Há egoístas que guardam consigo o que aprendem para sua exclusiva utilidade ou sem utilidade alguma. Constitui, ao contrário, prazer verdadeiro para Antônio Lobo transformar as suas palestras em lições ou informações que têm o precioso condão de interessar e prender pela simplicidade e clareza com que ele expõe, parecendo que apenas relembra o que o auditor já conhece. Aquilo que, de mais sugestivo ou cientificamente proveitoso colheu na leitura dos últimos livros e revistas que recebeu da

Europa. (Alfredo de Assis Castro. IN Lobo Antônio. Os novos atenienses – orelha. 3 ed. São Luís: AML/ADUEMA, 2008).

Senhoras e Senhores,

Sentindo a falta de fortuna crítica sobre o autor para compor esta peça, falta que assola os escritores maranhenses contemporâneos, e sobrelevando o grande número de textos de José Neres espalhados, e ainda não reunidos em livro, brilho ainda somente entrevisto, atrevi-me a pedir ao nosso poeta maior, Nauro Machado, coração de perene acolhimento aos intelectuais jovens, a quem dá força e lidera, tão acessível e humilde monstro sagrado, como se grande não fora, uma apreciação do nosso jovem escritor José Neres, por quem temos uma amizade e admiração conjunta. E, sem nada combinarmos, a apreciação é a que vos apresento a seguir:

Diz Nauro Machado: “O que interessa sobremaneira no escritor-professor José Neres, dono de um estilo sóbrio e de uma escorreita fluência vocabular, além da imparcialidade dos seus trabalhos ensaísticos, é o estudo minucioso das características a cada um dos escritores por ele analisados e como que pretendendo dar uma continuidade, futuramente àquilo feito, em sua época, por Antônio Lobo, em livro sugestivamente chamado *Os novos atenienses*, dedicado, todo ele, à literatura escrita exclusivamente por maranhenses: o que ele, Neres, tem feito através de nossos periódicos, sempre escrevendo sobre os livros aqui lançados e por ele considerados de valor.

.....

.....

Acredito que José Neres desenvolverá ao longo do tempo, pelo seu valor inquestionável, e profundo conhecimento dos que aqui forjaram e forjam uma obra a ratificar a grandeza do que literariamente ainda somos, um painel radioso para a expectativa do grandioso futuro que nos aguarda...”

Interessante é que ambos, eu e Nauro, fomos buscar no divulgador dos talentos da sua época, Antônio Lobo, o parâmetro para definir o que tenta fazer o jovem escritor que agora nos chega com a literatura maranhense que é produzida na contemporaneidade..

Esse trabalho também merece do acadêmico e polígrafo, Ronaldo Costa Fernandes, outra referência da literatura maranhense da atualidade, várias vezes premiado, nacional e internacionalmente, a apreciação e o reconhecimento, diz ele

José Neres vem se revelando um pesquisador da literatura maranhense, contribuindo para que a nossa expressão literária tenha mais amplitude e chegue a um número maior de leitores. É um trabalho árduo, que certamente dará ainda mais bons frutos, que amadurecerão ao longo dos anos, decantados pela experiência e argúcia. José Neres é uma dessas figuras do meio cultural maranhense que merece incentivo por seu tirocínio, inteligência e escrita ágil e incisiva.

José Neres segue a linha de ampliação do espaço da sala de aula, como um serviço que os professores podem e devem oferecer à comunidade. Esse desejo de difundir

nossa cultura literária é claramente expresso pelo novel acadêmico, em entrevista à Maranharte:

Quando era garoto, quase não ouvi falar das grandes figuras do Maranhão. Sabia quase nada da minha terra. Ao voltar, já quase adulto, encantei-me com as maravilhas as quais não pude aproveitar na infância e na adolescência. Comecei então a pesquisar e cada vez percebia que quem foi criado aqui também pouco sabia. Li tudo o que pude e comecei a colecionar reportagens de jornais e revistas.

Revela com emoção e entusiasmo na voz: “A parte crítica é uma necessidade. Diz ele, Fico pensando que se explora tão pouco os nossos escritores com pouquíssimos mergulhos na crítica. Então tento ocupar um espaço, que parece que ninguém quer o de estudar nossos autores contemporâneos.”

Minhas Senhoras e meus Senhores,

É consabido que o pragmatismo e a lei do menor esforço sempre foram a mola propulsora das inovações e do progresso. A posteridade, diz Emile Faguet, só aprecia os escritores sucintos; “la posterité n’aime que les écrivains concis”.

E sabem quem cita esta frase? Algum escritor pós-moderno? Não, Fernando Pessoa, no seu ensaio *Da Literatura moderna: IN Obra em prosa*. Ed Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1990, p 488. Ensaio sem data, mas, provavelmente escrito em 1925.

E prossegue Pessoa:

A fama, no referente aos poetas menores e aos prosadores

menores, estreitar-se-á de antologia para antologia. Dágora a cem anos será impossível lançar uma edição completa de Byron, ou de Shelley ou de Goethe, o poeta, ou de Hugo. Mesmo as modernas seleções deles serão cada vez mais podadas pela tensão e pela tempestade do tempo [...].

Cada nação terá os seus grandes livros fundamentais e uma ou duas antologias do restante. A competição entre os mortos é mais terrível do que a competição entre os vivos; os mortos são mais numerosos.

Fernando Pessoa concorda com o caminho que nos aponta Faguet, o caminho que a literatura, daí por diante, seguiria, como premonição dos nossos tempos urgentes. Repito: A posteridade só aprecia os escritores concisos.

O professor José Neres Costa acompanha os “tempos urgentes”, a tendência da comunicação virtual como meio de expandir os seus trabalhos.

Queiramos ou não, na era das tecnologias, em que as inovações eletrônicas facilitam a comunicação verbal, a leitura de livros é menos atrativa que a comunicação virtual.

É o próprio Neres quem nos fala de suas preocupações a esse respeito:

Por notar que havia um vácuo de estudos e comentários sobre a literatura Maranhense no mundo virtual, resolvi também criar um blog, um site e o jornal virtual (Ilhvirtualpontocom), um mensário digitalizado que já está na vigésima segunda edição e que serve para divulgar as letras maranhenses em todo o mundo e ao mesmo tempo serve para estimular nos estudantes e demais colaboradores o interesse pelo estudo das obras e autores

de nosso estado.

José Neres vai mais a fundo na busca da conquista de leitores para a literatura maranhense: desenvolve um projeto de pesquisa, financiado pela Faculdade Atenas Maranhense – FAMA – denominado *Sistema Literário Maranhense: Hipertexto e Hipermídia*, no qual a preocupação dos pesquisadores é pesquisar o cenário literário maranhense; organizar o espólio de escritores do estado do Maranhão em site da Internet e uma coleção em suporte eletrônico (CD_ROM hipertextual e hipermídia), na tentativa de trazer à tona a figura de escritores consagrados pela história da literatura, bem como a de alguns escritores pouco conhecidos no meio acadêmico.

Acadêmico José Neres Costa,

Numa feliz coincidência, vós que saudastes Josué Montello como o mais jovem dentre seus pares, no livro *Montello, o benjamim da Academia*, nos chegas para compor nossa confraria também na condição de benjamim. É uma condição que muitos dos nossos já usufruíram e agora é vossa. O tempo passará e, certamente, daremos entrada a outro e mais outro benjamim, o que nos é prazeroso, porque significa renovação, permeada pela permanência e constância.

Viriato Corrêa, no discurso de recepção de Josué, chama atenção para a idade de seu recipiendário :

Senhor Josué Montello, na Academia, a vida começa aos quarenta. Os que entraram aqui com idade inferior que a vossa representam a minoria. São muito poucos e servem

para mostrar que, nesta casa, apesar dos cabelos brancos dos homens que a compõem, se tem confiança e se tem fé na mocidade, desde que ela venha carregada de brilho, de flores e de frutos, como a vossa...

Faço minhas estas doces palavras de Viriato e digo: chegastes aqui por vosso brilho, flores e frutos. É-me prazeroso abrir-vos as portas desta Casa. A minha palavra é a palavra de todas as confeitras e confrades.

Sede bem-vindo. Entrai / e tomai assento/ entre os companheiros,/ confrade José /Neres Costa.

Sede bem-vindo. Entrai / e tomai assento/ entre os companheiros,/ confrade José /Neres Costa.

GALERIA DE FOTOS





Foto oficial: Sebastião Moreira Duarte, Luiz Phelipe Andrs, Lourival Serejo, Natalino Salgado Filho, Ceres Costa Fernandes, José Ewerton Neto, Jomar Moraes, Benedito Buzar, Mont'Alverne Frota, José Neres, Joaquim Haickel, Carlos Gaspar, Waldemiro Viana, Sonia Almeida, Alberto Tavares, Laura Amélia Damous e Joaquim Itapary.



Momento inicial da cerimônia. Na mesa os acadêmicos Natalino Salgado Filho, Jomar Moraes, Benedito Buzar, Waldemiro Viana e Roque Macatrão (Academia Ludovicense de Letras)



Sendo conduzido por Carlos Gaspar, Joaquim Itapary e Laura Amélia Damous para o início oficial do evento



Durante o evento, com os acadêmicos Natalino Salgado Filho e Jomar Moraes



Leitura do discurso de posse. Ao fundo os acadêmicos Mont'Alverne Frota, Alberto Tavares, Carlos Gaspar e Joaquim Itapary



Com o diploma de posse, ao lado do presidente da AML, jornalista Benedito Buzar



Assinado o livro de posse e sendo observado pelo professor Natalino Salgado Filho



Com o professor Natalino Salgado Filho



Com a professora Ceres Costa Fernandes



Gabriel Barros Neres e sua mãe, Linda Barros



Sendo cumprimentado pelo acadêmico Luiz Phelipe Andrès



Eu com a professora Elyjane Dias e o professor Joaquim Gomes



Dona Nerine, eu e a professora Nilzenir Ribeiro



Eu com a secretária executiva Rosângela Araújo e a cantora Tereza Canto



Eu com os escritores César William, Wilson Martins, Rosemary Rêgo e Hagamenon de Jesus



Professora Socorro (proprietária do Colégio Cenaza), Linda Barros, eu, Laura Neres e Gabriel Barros Neres



Com o acadêmico José Ewerton Neto



Com a professora Honorina Carneiro e o professor Charles Simões



Plateia (familiares e amigos) ouvindo o Hino Nacional e esperando a chegada do novo acadêmico



Professor Paulo Limenzo, Linda Barros, eu, professora Perla Cristina e o advogado Paulo Felipe



Com o poeta Paulo Melo Souza



Com o professor Manoel Carvalho Ramos



Com a acadêmica Sonia Almeida



Com o professor Dino Cavalcante



Eu e a professora Alice Moraes



Eu e minha irmã Meire Neres



Professora Geusilea Silveira, professor Joaquim Gomes, Linda Barros, eu, professor Dino Cavalcante, professora Tânia Arruda e Danilo.



Eu, professora Nilzenir Ribeiro (ao centro) e aluna do curso de Secretariado Executivo



Com o poeta Nauro Machado e a professora Wanda



Com a escritora Arlete Nogueira da Cruz.



Jornalista Carlos Andrade, Professor Joaquim Gomes, professora Helena Duarte, eu, professora Nilzenir Ribeiro, professora Yáskara Castro e professora Shirley Ribeiro.



Acadêmico Sebastião Moeira Duarte, jornalista Antônio Carlos, acadêmica Ceres Costa Fernandes, eu e o acadêmico Luiz Phelipe Andrès



Com a professora Maria da Paixão Santos Correa



Plateia esperando o início da cerimônia



Discursos de posse e recepção do evento
ocorrido no dia 19 de março de 2015 na sede da
Academia Maranhense de Letras.

Textos de
José Neres e
Ceres Costa Fernandes

